

## A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM DA MULHER NAS PERSONAGENS INFANTIS

Rosa Maria Maia Gouvêa Esteves<sup>1</sup>  
Amanda Ribeiro Duarte<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste artigo é desvelar como educadora, a importância das crianças serem livres para fazer suas escolhas e para isso recorre-se a literatura, vídeos e filmes contemporâneos, que ao final se tenha uma mensagem diferente dos contos clássicos, em que as crianças possam realmente se sentir parte da história ao fazerem suas escolhas, não pelo o que imposto pela sociedade, por serem de um gênero. Também, é importante destacar que as crianças, por vezes, estão expostas às personagens femininas, num mundo imaginário de segurança, em que se espera o desfecho de um “final feliz” ou até de um “felizes para sempre”, construindo um mundo de fantasias, muitas vezes, que contrasta com realidade. Assim, percebe-se que a literatura, vídeos e filmes também, podem ser utilizados para a introdução das crianças, num mundo mais concreto, com possibilidades reais e que não subestime as pessoas por suas características pessoais como: gênero, raça, crenças e muito menos suas limitações.

**Palavras-chave:** Personagens infantis. Representação da mulher. Mídia.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação, na linha de Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais – ESA e Mestre em Educação – UFRJ. Professora Curso Pedagogia AEDB – [rosamag@globo.com](mailto:rosamag@globo.com)

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano Curso Pedagogia - AEDB

## **INTRODUÇÃO**

Primeiramente, se discute a conceito de infância, fazendo um passeio histórico para entender como foi concebido e quais são as questões que estão escamoteadas em tal conceito e aprofundando como as representações femininas impactam as crianças, que estão na fase do Educação Infantil e alfabetização, como se veem e se identificam. Percebe-se que recebem influências dos contos de fadas, vídeos e filmes que retratam as meninas de forma passiva e sempre esperando seu “príncipe encantado”.

Assim, diante de tais questões, este estudo pretende analisar como estas meninas regem frente às novas heroínas e como se sentem representadas, e que atitudes podem ser assimiladas ou recusadas nesta sociedade contemporânea e como a mídia tem compactuado para que estas mudanças sejam assimiladas, mudadas e ou reestruturadas.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

### **1. PENSANDO A INFÂNCIA PARA CONCEITUAR**

Ao aprofundar a pesquisa sobre a história da infância, é notório que no começo da década de sessenta, a história da infância e a história da educação pareciam ser dois campos distintos e inconciliáveis de pesquisa (Ariès, 1973). Até então, poucos foram os pesquisadores que se dedicaram a um estudo profundo sobre a evolução da criança na sociedade e como ela passou a realmente ser conhecida e considerada como objeto de estudo. Mas para Ariès (1973) e De Mause (1991) a história da infância e o seu desenvolvimento já faziam parte consideravelmente da evolução da humanidade, e a forma com que a criança foi reconhecida como membro da sociedade.

A falta de pesquisas e estudos sobre crianças antigamente, reflete a sua desvalorização na perspectiva histórica, ignorando o desenvolvimento da fase inicial da vida do ser humano. Narodowski (1993) afirma que a infância faz parte da história, sendo um “fenômeno histórico” e não somente um fenômeno natural. O autor afirma que existe uma heteronomia. A criança obedece ao adulto, e em troca o adulto protege a criança, portanto, a criança não tinha poder diante das situações ocorridas em casa ou no seu meio social.

A história traz consigo a explicação para essa “falta de atenção” para com as crianças, já que não tinham esse empoderamento social, eram desprovidas de direitos, como participar de

reuniões familiares, na tomada de decisões, dessa forma, a falta de participação era um motivo para que essa exclusão fosse persistente.

Ariès (1973) afirma que na Idade Média, as crianças acompanhavam os adultos, compartilhando o mesmo lugar e dividindo situações. A sociedade medieval era pouco adaptada às crianças, não havendo divisão de idade para trabalhos e principalmente aquele sentimento de infância, onde a criança tem por direito desenvolver-se, brincar e se divertir. Sua aprendizagem era toda voltada para trabalhos braçais, onde os adultos daquela sociedade acreditavam que o importante era ensinar a criança para que crescesse como um adulto forte, em funções pré-estabelecidas, trabalhos pesados como marcenaria para os meninos e cuidar da casa e dos filhos para as meninas.

De Mause (1991) demonstra que a criança era considerada um ser irracional e, portanto, acreditava-se que a criança era incapaz de agir com propriedade, dentro das experiências da sua idade, perante a sociedade. Conclui-se, então, que a primeira preocupação com a infância foi sobre a disciplina, limitando todo e qualquer movimento destinado ao prazer e ao aprendizado.

Levin (1997) entende que no século XVII, surge a concepção real da infância, a partir da observação de que crianças muito pequenas precisavam de atenção e cuidado dos adultos. O adulto passou, então, a entender que deveria se preocupar com a criança com o seu desenvolvimento, enquanto ser dependente e frágil. Fato este, que ligou esta etapa da vida a ideia de proteção.

## 2.1 A LITERATURA E OS PERSONAGENS FEMININOS

Com o desenvolvimento da humanidade e a aceitação e percepção de que a criança realmente tinha valor, a atenção voltou-se para ela, de forma que a educação fosse o principal argumento para difusão da cultura e ensinamentos. A literatura passou a ser a grande aliada dos pesquisadores e educadores, fazendo com que as crianças aprendessem a ler e associar o mundo imaginário e lúdico com a sua realidade social, fazendo parte do seu desenvolvimento.

Se antigamente as histórias eram contadas somente pelos pais e avós na cabeceira da cama ou ao redor de uma fogueira, hoje, o contador se tornou uma profissão e está presente nas escolas, shoppings, praças, hospitais e feiras. A essência de narrar não mudou, mas muitos grupos se valem de outras técnicas como o teatro, os bonecos e a música para dar uma incrementada nas fábulas, contos e lendas. (TEIXEIRA, 2010, p. 56)

Como cita Teixeira (2010), o contador de histórias é tão antigo quanto o fato delas existirem. Antigamente, as histórias eram passadas somente pelos pais e avós, onde a fala deles se tornava verdade absoluta para quem as escutava. Desta forma, eram tomadas como um seguimento, fazendo com que lendas e fábulas se tornassem realidade na mente do ouvinte, já que eram passadas por pessoas do seu ciclo social.

As histórias repassadas por seus contadores tomavam diferentes formas e continuidades na cabeça dos próximos ouvintes, fazendo com que se repassassem com mais frequência e principalmente levada à sério se tivessem um ensinamento no final, como as fábulas antigas da Tartaruga e da Lebre, A Cigarra e a Formiga, de Esopo que sempre continham uma lição de moral para ensinar às crianças sobre as regras sociais ou evitar o rompimento das mesmas.

Em meados do século XIX, não havia tecnologia digital, fazendo com que as histórias fossem simples, mas levadas de forma que os ouvintes passassem a viver como verdade àquelas histórias, como de certa forma fossem criadas regras e normas. Se um menino roubasse um pão em uma padaria, e o padeiro contasse a todos os vizinhos sobre o roubo, a reputação do menino seria afetada por essa história, fazendo com que, em muitos casos, as lições de moral fossem rodeadas pelo fato do roubo e esse menino era usado como mal exemplo e uma comparação hostil, para que as crianças não fizessem o mesmo.

As histórias eram passadas oralmente, fazendo com que o ouvinte recorresse à imaginação, com o avanço da forma de como contar as histórias, foram criados fantoches, dedoches (fantoches para os dedos) como artifícios para o contador de história, visando o encantamento do que se desejava comunicar, mas a oralidade era a supremacia do conto, então, a entonação e mudanças de vozes para fazer os personagens da história, era vitais para dar alma as narrativas.

As histórias eram um dos únicos artifícios de diversão e brincadeira para eles, fazendo com que a arte de interpretar fizesse parte da brincadeira, recheadas de fantasias e lições de moral. As narrativas não precisam ser oficiais, podem ser inventadas na hora, em estilo musical ou apenas para passar o tempo e instigar às crianças a trabalharem o lúdico ou como forma de entretenimento para os ouvintes.

Ainda na sociedade medieval, as crianças tinham pouca importância no desenvolvimento da sociedade, não faziam parte, nem de forma sutil das decisões tomadas pela família. Seus sentimentos tampouco importavam, somente sua saúde e força física para seguir o destino do pai, como caçar e trabalhar bruto. Vivia no meio aos adultos, só aprendendo atividades que realmente fossem agregar valor bruto a sua vida, como luta, pesca e prover sua mulher e filhos, no caso de meninos, e no caso das meninas, cuidar da casa e dos filhos.

A passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e muito insignificante. Ela era vista como substituível, como ser produtivo que tinha uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade era inserida na vida adulta e se tornava útil na economia familiar. Realizando tarefas, imitando seus pais e suas mães, os acompanhava em seus ofícios, cumprindo, assim, seu papel perante a coletividade. A duração da infância era reduzida no período mais frágil, enquanto “filhote de homem” não podia cuidar de si sozinho. (ROCHA, 2002, p. 25)

A partir do século XVII, começam a entender que a criança não era somente um adulto em miniatura, mas sim um ser humano que faz parte da sociedade, de forma significativa, com a compreensão que esta é a fase do desenvolvimento do corpo e da oralidade. A criança passa a ser considerada cidadã, ser ouvida, a se vestir de forma adequada, realizar atividades direcionadas a sua idade, brincar por mais tempo, com grupos da sua idade, ter direitos respeitados e realizar atividades adequadas ao seu desenvolvimento.

Surge a partir daí, a preocupação da formação moral e social da criança. A família tornou-se um lugar de carinho e amor, preocupando-se com seu o crescimento motor e moral, respeitando seu tempo, ritmo e com cumprimento das leis que protegiam as crianças. A Infância passa a ser objeto de estudo, ganhando mais atenção e espaço perante à sociedade, sendo reconhecida, considerada protagonista. Dessa forma, a criança ganha voz e espaço para sua formação como ser humano, sendo considerada em todos os seus aspectos e necessidades.

### 1.3 A MÍDIA E A REPRESENTAÇÃO FEMININA

É notório que cada vez mais, que as personagens clássicas como Rapunzel, Cinderela e Branca de Neve estão saindo de moda, dando lugar às personagens consideradas rebeldes por não seguirem padrões estéticos ou sociais atuais. Desde o ano de 1998, as produtoras de desenhos infantis como a Disney vêm produzindo outros padrões de desenho com personagens mais libertárias, que se impõem por sua personalidade.

Com a saída das personagens clássicas surge uma nova classe de personagens, aquelas que como Mulan, que fingiu ser um homem para que seu pai não fosse à guerra, como Valente que luta para ter suas vontades respeitadas e contra um casamento obrigatório e Mulher Maravilha, uma das primeiras mulheres inseridas nos quadrinhos como heroína, fugindo daquele padrão de personagens femininas, no segundo plano.

Essa nova classe de personagens vem também para ajudar as meninas a lidarem com o egocentrismo que as princesas clássicas passavam em suas falas, nos livros e filmes, colocando

sempre a sua felicidade em primeiro lugar, porém, atualmente, a proposta é trabalhar o incentivo ao altruísmo.

Com as personagens humanitaristas, os contos atuais têm chamado mais a atenção de meninas de todas as idades para esse universo que está cada vez mais próximo dos sentimentos reais, como proteção da família e o afastamento da idealização do casamento com o príncipe encantado, a proteção de si mesma e saber de impor perante a um problema.

Como hoje pode-se encontrar meninas como M. F., minha aluna, que quer ser enfermeira como sua mãe, porque ela salva vidas todos os dias. Quando indagada sobre o motivo de não querer ser uma personagem como a Cinderela, ela relatou que a Cinderela é linda, mas nunca “faz nada para os outros, está sempre esperando que algo aconteça.”, sendo essa uma das características dessa pesquisa, já que as personagens passivas estão dando lugar às personagens ativas.

Esse passivismo é interrompido por uma nova era de personagens que querem passar outro tipo de informação a quem as assiste. Desejam fazer com que as meninas entendam que nem tudo o que lhes é imposto, é o correto. Um fator importante a comentar é que as personagens modernas rompem a barreira da cor rosa somente para meninas uma vez que a princesa Elsa do filme Frozen (2014) da Disney não contém detalhes rosa em sua roupa, sendo ela toda azul, o que nos mostra essa quebra do paradigma que define a cor por gênero.

Essa influência moderna pode ser notada nas crianças também quando elas desejam ser pessoas com empregos que ressaltam a importância da ajuda ao próximo, onde essas personagens não buscam mais pelo amor romântico e sim o amor que tenha resultado positivo, o amor real, onde não há somente benefícios próprios, como a Mulher Maravilha (2017), que em seu filme luta para o bem de sua aldeia.

Nesse sentido onde deve-se trabalhar uma pedagogia emancipatória de gênero, porque possibilita a conscientização, a libertação e a transformação de suas realidades, entendendo que a partir deste tópico, as crianças podem se apoiar numa estratégia de superação e recuperação de alguns paradigmas criados pela sociedade por seus gêneros, fazendo assim com que entendam e possibilitem mais escolhas, tenham opiniões mais consistentes, defendendo suas opiniões baseadas em critérios entendidos, e não inventados.

Perante todo esse impasse social e cultural, a cultura infantil como objeto de análise crítica é fornecido uma gama de oportunidades, para que a criança se torne bastante importante nessa dimensão social. Essa não importância à cultura infantil reflete em maior parte, quando se ignora o fato das personagens sempre serem expostas em segundo lugar, o personagem masculino estar sempre acima delas e inocentemente as crianças são levadas a

passividade, aprendem que a figura masculina está sempre acima da figura feminina e consequentemente são induzidas a aceitar essa imposição do segundo plano e deixar com que outros decidam, onde é o seu lugar.

Tadeu (1995) afirma que a Disney tem a imagem para alguns críticos como pouco mais que uma máscara promocional que oculta suas agressivas técnicas de *marketing* para educar as crianças para as virtudes de se tornarem consumidoras ativas, já Eric Smooden argumenta que a Disney constrói a infância de forma a torná-la inteiramente compatível com o consumismo.

A grande maioria dos jovens e adultos cresceram vendo clássicos como Homem Aranha, X-Men, e os filmes de princesas da Disney e isso não termina por agora, os clássicos estão passando por melhorias, virando filmes com pessoas reais, saindo do desenho, porém a história muda pouco.

Essa questão abordada neste trabalho sobre a influência masculina acima e esse passivismo passado nos filmes, continua firmemente presente nesses filmes, questão essa que precisa cada vez mais ser mostrada e discutida pelos educadores, já que a Disney é senão a maior, uma das maiores influenciadoras empresas de entretenimento infantil e jovem.

Essa influência se concretiza quando indago professores mais experientes sobre o assunto e eles me relatam que essas princesas atuais trazem a violência e com que as meninas não ponham as vontades de suas famílias, não entendendo que a família só faria o melhor para seu desenvolvimento. Crianças que entendem os assuntos abordados nesses tipos de filmes atuais conseguem discernir o certo do errado, pensando em como melhorar a vida de suas famílias e não põem o amor romântico em primeiro lugar, e sim o amor ao próximo.

Desde pequenos, a literatura envolve as crianças, em casa e na escola, como “Menina Bonita do Laço de Fita”, que nos remete a história de uma menina com o coelho que fala sobre as diferenças entre as pessoas, como no livro que retrata uma menina que era diferente de todas as outras. No dia a dia, as meninas vão entendendo mais o contexto dos contos, e crescendo não somente como reprodutoras, mas sim como produtoras de cultura, fato esse que em algumas vezes são mal vistas pela sociedade, que espera que as meninas cresçam para criar uma família ou casarem.

No livro “Diferentes, Não Desiguais” de autoria de Lins, Machado e Escoura (2016, p.56) indagam:

Se muitas mulheres sonham em ter filhos ou adoram se maquiar, será que não é porque desde pequenas elas foram ensinadas que “menina é vaidosa” e que “toda mulher deve querer ser mãe”? Será que muito do que somos não é aquilo que a sociedade nos ensinou e espera de nós?

Quando se insiste em repetir generalizações de gênero como essas em casa ou na escola, na televisão ou na rua, são mostrados esses estereótipos como certos. Fatos como esses não são aceitáveis para que se refira às meninas que estão compreendendo que elas possuem poder de escolhas, por isso analisam o conto com mais foco, na intenção real do que seguirem exemplos antiquados como a ideia de que mulher deve somente casar e ter filhos, cuidar da casa e do lar, sem poder trabalhar fora de casa.

Os livros contados desde pequenos para as crianças são os que marcam sua infância, portanto, a família deve sempre ter conhecimento e do tipo de leitura que estão seus filhos expostos, pois dependendo do que leem ou escutam, ou veem, poderão construir vários sentimentos, atitudes e valores, que poderão ajudá-los a transpor diversas situações. Conforme, Petit (2013, p. 49)

A leitura, e mais precisamente a leitura de obras literárias, nos introduzem também em um tempo próprio, distante da agitação cotidiana, em que a fantasia tem livre curso e permite imaginar outras possibilidades. Ora, não esqueçamos que sem sonho, sem fantasia, não há pensamento nem criatividade. A disposição criativa tem a ver com a liberdade, com os desvios, com regressão aos vínculos oníricos, com atenuar as tensões. Basta ver em que momento os sábios fazem suas descobertas: geralmente enquanto passeiam, ou quando estão em algum meio de transporte, ou ao tomar banho, ou ao rabiscar uma folha de papel, ou ao levantar os olhos de um romance.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo, pode-se encontrar meninas, como A1, de 7 anos que relatou em seu registro que ela queria ser uma princesa como Cinderela, e quando questionada sobre o motivo, ela informou que queria realizar o sonho do príncipe, porque assim ele a amaria eternamente como no filme, já que a Cinderela foi uma “boa moça”, ele jamais deixaria de amá-la.

Pelos relatos presentes na pesquisa, conseguiu-se discernir o resultado e compreender, se essa interferência das personagens modernas, como novos exemplos para as crianças, realmente, seria possível acontecer. Foi viável associar o pensamento das crianças de diferentes idades, gêneros e pensamentos e avaliar se essa mudança de influências, foram realmente positivas na vida de cada criança.



A introdução de novas personagens que superam o paradigma dos padrões tradicionais tem feito com que as meninas sejam mais ativas na sociedade, entendendo e pondo em prática seus direitos.

Essa mudança veio por meio da influência da mídia, onde atualmente as crianças puderam acompanhar os desenhos que antigamente eram somente em papel ou história contada, agora em telas enormes de cinema ou no conforto de suas casas. É necessário lembrar que essa mudança na sociedade acompanha o desenvolvimento e influência da mídia por meio social, trazendo o desenvolvimento da sociedade, como colocar a mulher como personagem principal de um filme que antigamente era somente de homens e fazer com que esse empoderamento seja também na ocupação de lugares no mercado de trabalho, na política, na economia, enfim na sociedade, como meninas e mulheres protagonistas.

## REFERÊNCIAS

- ARIÈS. P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BUTLER, Judith P. **Problemas De Gênero: Feminismo E Subversão Da Identidade**. 13 eds. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DURKHEIN. E. **Educação e sociologia**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952
- LINS. B. A.; MACHADO, B.F; ESCOURA. M. **Diferentes, Não Desiguais: A Questão De Gênero Na Escola**. 1 ed. São Paulo: Reviravolta, 2016.
- LOURO, Guaciara Lopes. **Um Corpo Estranho: Ensaio Sobre A Sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- PRETTO, Zuleica. **Reflexões Sobre Infância E Gênero A Partir De Publicações De Revistas Feministas Brasileiras**. Jan-Jun de 2013, pp. 56-71.
- DE MAUSE, L. **História da Infância**. Madri, Alianza Universid: 1991.
- LEVIN, Esteban. **A infância em cena-** Construção do sujeito e desenvolvimento Psicomotor. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- NARODOWSKI, M. **Infância e poder: A confrontação da pedagogia moderna. Tese de doutorado em educação**. Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- Artigo I.ROCHA, R.C. L. **História da infância:** reflexões acerca de algumas concepções correntes. <<https://pt.scribd.com/doc/28155072/HISTORIA-DA-INFANCIA-REFLEXOES-ACERCA-DE-ALGUMAS-CONCEPCOES-CORRENTES>> ANALECTA Guarapuava, Paraná v. 3 n. 2 p. 51-63 jul/dez. 2002. Acesso em: 20 maio 2017.
- ROCHA, Ruth. **Atrás da Porta. Ilustração:** Elisabeth Teixeira. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1995, p. 156
- PETIT, Michèle. **A arte de ler**. Ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

TEIXEIRA, E. **Contadores de histórias encantam gerações e incentivam a leitura**. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/06/22/interna\\_diversao\\_arte,198791/contadores-de-historias-encantam-geracoes-e-incentivam-a-leitura.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/06/22/interna_diversao_arte,198791/contadores-de-historias-encantam-geracoes-e-incentivam-a-leitura.shtml)> . Acesso em: 06 jul. 2018.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**. Ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.